

O DISCURSO AUTOBIOGRÁFICO NOS RELATOS DE VIAGEM DE NÍSIA FLORESTA

Alyanne de Freitas Chacon

Departamento de Letras – UFRN

Resumo:

Ao falarmos de escritores e poetas brasileiros que tiveram destaque durante o século XIX, muitos serão lembrados. Entretanto, ao nos questionarmos sobre as mulheres que se destacaram por seus escritos nesta mesma época, o número de nomes citados será bem menor. Foram poucas as que se sobressaíram neste século, época na qual perduravam preconceitos acerca da mulher, cuja educação irradiava este fator, de modo contundente. Eis que, entre as poucas que se destacaram, encontramos o nome de Nísia Floresta, figura que se tornou conhecida não apenas por seus escritos, mas, também, por todo caráter social, que singulariza o conjunto de suas obras. Dentre tantos escritos por ela deixados, tomamos por base - para a presente pesquisa - dois relatos de viagens, nos quais a autora narra seu percurso, cujos itinerários foram, primeiro, à Alemanha e o segundo, à Itália, seguido de uma viagem à Grécia. Dentro dessas obras é possível verificar traços autobiográficos deixados por Nísia Floresta. Marcas inscritas, que buscaremos analisar, a partir dos conceitos de Philippe Lejeune, que nos traz à luz pressupostos para observar elementos que podem caracterizar uma obra como autobiográfica, bem como o pacto autobiográfico, processo característico de “afirmação da identidade, no texto entre narrador, personagem e autor”. Para entendermos este gênero discursivo, buscaremos abordar alguns pontos acerca da Análise do Discurso, a partir da teoria adotada por Dominique Maingueneau, que verticaliza conhecimentos sobre o tema em questão, inclusive, direcionando-o para o discurso literário. Destacamos a relevância deste enfoque, para que possamos compreender o processo autobiográfico e como ele pode concorrer para a compreensão das experiências de vida da autora supracitada, cujas obras são enriquecedoras, não apenas pela autobiografia, mas por todo o contexto histórico e a riqueza de informações, inerentes àqueles países em pleno século XIX.

Palavras-chave: Nísia Floresta, autobiografia, análise do discurso, relato de viagem.

Ao falarmos de escritores e poetas brasileiros que tiveram destaque durante o século XIX muitos serão lembrados, entretanto, ao nos questionarmos sobre as mulheres que se destacaram por seus escritos nesta mesma época, o número de nomes citados será bem menor. Foram poucas as que se sobressaíram neste século, época na qual perduravam preconceitos acerca da mulher, cuja educação irradiava este fator, de modo contundente. Eis que, entre as poucas que se destacaram, encontramos o nome de Nísia

Floresta, figura que se tornou conhecida não apenas por seus escritos, mas também por todo caráter social, que singulariza o conjunto de suas obras.

Nísia Floresta Brasileira Augusta nasceu no dia 12 de outubro de 1810 no sítio Floresta, na antiga cidade de Papari, Rio Grande do Norte, cidade esta que hoje herda o seu nome, Nísia Floresta. Alguns anos mais tarde, devido a perseguições que sua família estava sofrendo, mais precisamente o seu pai, que era português, Nísia teve de deixar o sítio Floresta e morou em alguns estados como Pernambuco, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Como esteve sempre à frente de seu tempo, chegou a publicar vários livros, sobre os mais variados temas, tais como, escravidão, indianismo, educação feminina e igualdade entre os sexos, o que a tornou conhecida como a primeira feminista do Brasil. Ao lermos estas obras escritas por Nísia podemos verificar a grandeza que abrange sua produção intelectual e a riqueza dos assuntos aí tratados.

Em 02 de novembro de 1849, devido a um acidente de cavalo sofrido pela sua filha e recomendações médicas, Nísia Floresta embarca para a Europa com os dois filhos, Lívia e Augusto. Lá, permanecem por dois anos e meio e em 22 de fevereiro de 1852 retornam ao Brasil. Porém, alguns anos depois Nísia decide retornar a Europa, em 10 de abril de 1856, dessa vez ela leva como companheira de viagem apenas sua filha Lívia. “Naquele momento ela talvez não imaginasse como seria longa esta ausência. Só depois de dezesseis anos tornará a ver aquela paisagem carioca de que tanto gostava [...]” (DUARTE, 1995: 45). É nesse período que Nísia vai viajar por alguns países como a Alemanha, Itália e Grécia, o que deu origem a seus dois relatos de viagens: *Itinéraire d'un Voyage en Allemagne* (1857) e *Trois ans en Italie, suivis d'un Voyage en Grèce* (1º volume: 1864; 2º volume: 1872).

“Percorrendo as páginas da história da literatura brasileira, poucas são as referências que encontramos sobre relatos de viagens realizados por escritores brasileiros.” (DUARTE, 1995: 261). Entretanto, na Europa nos séculos XVIII e XIX essa modalidade literária foi bastante utilizada por muitos escritores. “A Alemanha, por sinal, parece ter sido o país mais visitado pela maioria dos ilustres viajantes do século XIX, seguido da Itália e Espanha.” (DUARTE, 1995: 263). Apesar de muitos relatos sobre a Itália escritos naquela época por escritores como Chateaubriand, Victor Hugo, Goethe e Mme. De Staël, ainda assim segundo Duarte, Nísia “[...] não realizará apenas *mais um* relato de viagem à Itália. Apesar do numeroso repertório que encontra, ela ainda assim inovará o gênero.” (1995: 291. Grifos da autora.). Tomaremos como ponto fundamental para a realização desta pesquisa o Discurso Autobiográfico nestes relatos de viagens, verificando como se manifestam esses traços autobiográficos em cada um deles. O primeiro, *Itinéraire d'un Voyage en Allemagne* foi publicado em 1857 e retrata a viagem feita por Nísia Floresta no ano de 1856 entre os meses de agosto e setembro. A autora viaja na companhia de sua filha Lívia onde percorre algumas cidades da Bélgica e da Alemanha. Nele, encontramos as correspondências direcionadas ao filho e aos irmãos que residiam no Brasil. Nísia também descreve os momentos mais marcantes desta viagem, expressando, sobretudo, as saudades que sentia de seus parentes deixados no Brasil. Também podemos identificar nitidamente nestes dois relatos, traços autobiográficos. Segundo Duarte

Neste *Itinerário* a narradora se confunde com a autora. Aliás, é o que parece acontecer em quase todos os livros de Nísia Floresta. E em nenhum momento a narradora-autora esconde a condição biográfica de sua escrita. Ao contrário, revela-a com informações precisas de sua

vida, como o nome dos filhos e dos irmãos, as datas de morte da mãe e do esposo, além de inúmeras outras referências passíveis de serem checadas em sua biografia. Ela estabelece, assim, com o leitor, o ‘pacto autobiográfico’, ao revelar a identidade comum entre a autora das cartas (do livro) e a personagem principal - a narradora -, que conta sua experiência de viajante. (1995: 278-279. Grifos da autora.).

O segundo relato, *Trois ans en Italie, suivis d'un Voyage en Grèce* trata dos três longos anos em que a autora passou em solo italiano, que durou de março de 1858 até meados de 1861, tempo mais que suficiente para reconhecer e rever os lugares que lhe interessavam, fazendo residência em algumas cidades como Roma, Milão, Florença e Veneza. Esta obra teve sua publicação em dois volumes, o primeiro foi em 1864 e o segundo em 1872. No primeiro volume, Nísia inicia a narrativa como um relato de viagem, já no segundo ela vai destacar também o contexto histórico.

Em qualquer uma das narrativas, apesar do grau de objetividade da descrição, é freqüente a intromissão da figura do autor, pois trata-se do relato de uma experiência pessoal, o que, na maioria dos casos, concede a narrativa um aspecto autobiográfico. E o que distingue uma narrativa de viagem da outra não é só o tema tratado: relatar viagens. Há características formais específicas. Cartas, diários, memórias, confissões, crônicas ou simplesmente historiografia figuravam como gêneros os mais praticados na época [...]. Em *Trois ans en Italie*, Nísia Floresta vai utilizar não apenas uma, mas várias destas modalidades, ao iniciar seu texto como um diário de viagem e terminar o segundo volume como uma crônica histórica. (DUARTE, 1995: 288).

Deste modo, podemos perceber que a autobiografia está bem presente em seus relatos de viagens e para conseguirmos compreender o caráter autobiográfico que se estende por eles, tomaremos como base duas obras de Philippe Lejeune (1998), que é um dos grandes estudiosos no assunto, são elas: *L'autobiographie en France* (1998) e *Le pacte autobiographique* (1975).

Lejeune define a autobiografia como “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz da sua própria existência quando ela enfatiza a sua vida individual, em particular a história de sua personalidade”. (1998: 10. Tradução nossa.). Em *L'autobiographie en France*, ele desenvolve questões sobre a autobiografia, questiona a possibilidade de alguém contar sua própria vida e nos apresenta suas reflexões a partir do universo autobiográfico, para isso, utilizando-se de exemplos de textos retirados da literatura francesa, nos mostrando possibilidades de como podemos aplicar a teoria a fim de verificar se realmente tratam-se de obras autobiográficas.

Outro aspecto de grande relevância trazido por Lejeune está em seu livro *Le pacte autobiographique* quando ele fala do pacto autobiográfico, que é “a afirmação da identidade, no texto, entre o narrador, o personagem e o autor.” (1975: 33). E este pacto pode ser verificado nitidamente em seus dois relatos, pois Nísia é, ao mesmo tempo, a autora de seus relatos, é a narradora e é a personagem principal. Lejeune nos mostra também três categorias que deveriam estar presentes em uma obra para caracterizá-la com autobiográfica, são elas:

1. A forma da linguagem:

a) narrativa;

b) em prosa;

2. Tema tratado: vida individual, história de uma personalidade.

3. A situação do autor:

a) identidade do autor, do narrador e do personagem;

b) perspectiva retrospectiva na narrativa.

(LEJEUNE, 1998: 10. Tradução nossa.)

O fato destas obras não terem, pelo menos a princípio, a intenção de fazerem parte do rol das obras autobiográficas faz com que fiquemos em dúvida quanto ao segundo item, pois não podemos afirmar concretamente se os relatos de Nísia Floresta tratam de sua vida individual ou da história de sua personalidade, até mesmo porque, se assim podemos dizer, sua principal intenção é de relatar suas viagens. Porém, o próprio Lejeune escreve que “não existe ‘autobiografia pura’, estritamente conforme a nossa definição. [...] a autobiografia se define por séries de oposições sobre diferentes planos”. (1998: 9. Grifos do autor. Tradução nossa.). Desse modo, podemos “concluir” que os aspectos que mostram os traços autobiográficos presentes nos relatos citados seriam “suficientes” para caracterizá-las como autobiográficas.

Outro autor que será bastante útil e de muitíssima importância na nossa pesquisa para entendermos melhor todo o discurso autobiográfico nos relatos de Nísia Floresta é Dominique Maingueneau (2006), pois ao tratar do discurso literário, ele nos aponta diversos fatores que podem nos esclarecer, ou até mesmo nos explicar, como os discursos podem se constituir, principalmente a partir da situação em que cada autor está envolvido no momento da produção de suas obras. Digamos que um dos pontos mais relevantes para o nosso trabalho é quando Maingueneau nos aponta a diferença entre “a pessoa, o escritor e o inscritor”, segundo ele:

A denominação ‘a pessoa’ refere-se ao indivíduo dotado de um estado civil, de uma vida privada. ‘O escritor’ designa o ator que define uma trajetória na instituição literária. Quanto ao neologismo ‘inscritor’, ele submerge ao mesmo tempo as formas de subjetividade enunciativa da cena de fala implicada pelo texto (aquilo que vamos chamar adiante de ‘cenografia’) e a cena imposta pelo gênero do discurso: romancista, dramaturgo, contista... O ‘inscritor’ é, com efeito, tanto enunciador de um texto específico como, queira ou não, o ministro da instituição literária, que confere sentido aos contratos implicados pelas cenas genéricas e que delas se faz o garante. (2006: 136. Grifos do autor.)

Ele vai mais além ao nos mostrar que não há uma hierarquia ou uma ordem numérica entre estes termos,

Essas três instâncias não se dispõem em seqüência, seja a termos de cronologia ou de estratos. Não há em primeiro lugar ‘a pessoa’, passível de uma biografia, em seguida ‘o escritor’, e depois ‘o inscritor’, sujeito da enunciação: cada uma dessas instâncias é atravessada pelas outras, não sendo nenhuma delas o fundamento ou pivô. Claro que a análise por vezes requer que se considere apenas uma de cada vez, mas nem por isso a constituiremos abusivamente em fundamento. Cada uma das três sustenta as outras e é por ela sustentada, num processo de recobrimento recíproco que, num mesmo movimento, dispersa e concentra ‘o’ criador. (2006: 136-7. Grifos do autor.).

Maingueneau ainda ressalta que “através do inscritor, é também a pessoa e o escritor que enunciam; através da pessoa, é também o inscritor e o escritor que vivem; através do escritor, é também a pessoa e o inscritor que traçam uma trajetória no espaço literário”. (2006: 137). Mais adiante, ele menciona que:

A representação dominante do fato literário precisa privilegiar o inscritor e, com ele, as obras que ocultam o máximo possível a presença da pessoa e do escritor. Mas, nesse caso, que fazer com todos os textos de escritor que hesitamos em julgar literários e que, de uma maneira ou de outra, conduzem ao primeiro plano a pessoa ou o escritor? Pensamos aqui de modo particular nos múltiplos gêneros de textos autobiográficos, no sentido amplo, em especial os diários de escritores ou os relatos de viagem. (2006: 138).

A partir daí ele exemplifica utilizando-se do relato de viagem de Chateaubriand *Viagem à Itália*. “Trata-se tipicamente de um texto que traz à cena ‘a pessoa’ sem por isso ocultar ‘o escritor’ (evocado no texto sem cessar) nem o ‘inscritor’, que dá uma demonstração de suas capacidades estilísticas”. (2006: 138). Podemos dizer que é o mesmo que acontece nos relatos de Nísia Floresta, o que para Lejeune seria a “a afirmação da identidade, no texto, entre o narrador, o personagem e o autor”, para Maingueneau é o que se verifica na obra como uma “junção” das marcas entre “o inscritor, a pessoa e o escritor”, e ele afirma que “é essa a condição de todo pacto autobiográfico” (2006: 139). Para ele, Chateaubriand relata sua viagem ao mesmo tempo que circula no espaço literário e faz obra. Temos um caso semelhante com relação aos relatos de Nísia, pois ela não apenas relata suas viagens, ela expõe também a sua vida, seus pensamentos, descreve lugares fazendo alusões a outras cidades, ao Brasil, ao que outros escritores já escreveram sobre aquele lugar. Em *Trois ans en Italie, suivis d’un Voyage em Grèce* ela vai destacar também todo o contexto histórico daquela época.

Levando esta explanação um pouco mais adiante, Maingueneau vai dizer ainda que a literatura mescla dois tipos de regime, um que podemos denominar delocutivo, em que “o autor se oculta diante dos mundos que instaura” (p.139), e o outro seria o

elocutivo, no qual “‘o inscritor’, ‘o escritor’ e ‘a pessoa’, conjuntamente mobilizados deslizam uns nos outros”. (2006: 139). Para ele, estes regimes não são independentes e “alimentam-se um do outro segundo modalidades que variam a depender das conjunturas históricas e dos posicionamentos dos diferentes autores”. (2006: 139). O autor também observa que para alguns criadores há uma hierarquia entre estes dois regimes, primeiramente viriam os textos *delocutivos* e ao lado destes estariam as produções *elocutivas*, das quais os relatos de viagem fazem parte e é onde se inserem as narrativas da autora.

Para mostrar como este aspecto do autobiográfico está presente nestas obras, escolhemos um trecho de uma das cartas de Nísia encontrada no Itinerário de uma viagem à Alemanha, no qual ela escreve aos parentes deixados no Rio de Janeiro e podemos perceber pelo seu discurso como estava o seu estado de espírito o que nos leva até mesmo a imaginar o que ela estava sentindo naquele momento, pois explica o motivo que a levou a viajar e sair de Paris, o mês de agosto que lhe trazia tristes lembranças.

O mês de agosto, que vocês sabem ser fatal para minha felicidade pela tripla perda com que ele marcou minha existência, começou para mim, este ano, mais triste e mais doloroso que nunca. Com o coração apertado, o espírito sempre abatido pela lembrança aterradora da morte da melhor das mães, eu via aproximar o primeiro aniversário do dia que a subtraiu ao meu carinho. Vocês acreditaram que Paris exerceria sobre mim sua magia costumeira: pois bem! reví a cidade com indiferença, e ela se tornou para mim monótona e quase insuportável, à medida em que esse triste aniversário se aproximava. (Floresta, 1857: 1-2. Tradução nossa.)

Para finalizarmos esta exposição, após abordarmos os conceitos trazidos por Maingueneau, podemos concluir juntamente com ele que quando uma pessoa lê um relato de viagem de um determinado autor, no nosso caso os de Nísia Floresta, ele não está somente lendo um simples relato, ele está lendo a obra de uma escritora que não apenas publicou outras obras, como também sempre teve o espírito crítico para expor suas idéias e pensamentos, que eram muito avançados para sua época e que podem ser verificados não apenas nestas narrativas, mas em todo o conjunto de suas obras. Portanto, ao ler um relato de viagem, muitas vezes, o leitor está à procura não apenas do relato em si, mas da pessoa que o escreveu, do autor da obra. E ao procurar a autora dos relatos aqui trabalhados, os leitores encontrarão não apenas um belo conjunto de obras, como também uma grande história de vida como foi a da grandiosa norte-rio-grandense Nísia Floresta.

REFERÊNCIAS:

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta**: a primeira feminista do Brasil. Florianópolis: Mulheres, 2005.

_____. **Nísia Floresta: vida e obra.** Natal: EDUFRN, 1995.

FLORESTA, Nísia. **Itinéraire d'un Voyage en Allemagne.** Par Mme. Floresta A. Brasileira. Paris: Firmin Diderot Frères et Cie, 1857.

_____. **Trois ans en Italie, Suivis d'un Voyage en Grèce.** Par une Brésilienne. v 1. Paris: Libraire E. Dentu, 1864.

_____. **Trois ans en Italie, Suivis d'un Voyage en Grèce.** Par une Brésilienne. v 2. Paris: E. Dentu Libraire-Éditeur et Jeffes, Libraire A. Londres, 1871 (ou 1872).

LEJEUNE, Philippe. **L'autobiographie en France.** 2. ed. Paris: Armand Colin, 1998.

_____. **Le Pacte Autobiographique.** Paris: Seuil, 1975.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso Literário.** Tradução por Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.